

# Audiências públicas sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável: uma análise de gênero segundo a perspectiva sistêmico-funcional

*Public hearings on environment and sustainable development: a genre analysis according to a systemic functional perspective*

Amanda Canterle Bochetti<sup>1</sup>

Sara Regina Scotta Cabral<sup>2</sup>

**Resumo:** Com base na análise de gêneros da perspectiva sistêmico-funcional (ROSE; MARTIN, 2012), o enfoque deste estudo recai sobre o gênero socialmente conhecido como Audiência Pública. O objetivo deste trabalho é determinar, por meio de investigação e análise, como as Audiências Públicas, neste caso, sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, se organizam textualmente. O *corpus* é constituído de 06 Audiências correspondentes aos anos de 2012 e 2013. Os procedimentos metodológicos compreendem análise contextual e textual, de forma quantitativa e qualitativa. Os resultados indicam que a Audiência Pública pode ser considerada um macrogênero, já que tem em sua constituição gêneros que formam uma sequência para cumprir um propósito social.

**Palavras-chave:** Audiência Pública; Gênero; Sistêmico-Funcional.

**Abstract:** Based on the analysis of systemic-functional genres (ROSE; MARTIN, 2012), the focus of this study is on socially known genre Public Hearing. The objective of this work is to determine, through research and analysis, how Public Hearing on Environment and Sustainable Developments work textually. The corpus consists of 06 Audiences corresponding to the years 2012 and 2013. The methodological procedures comprise contextual and textual analysis, in a quantitative and qualitative way. The results indicate that the Public Hearing can be considered a macrogenre, since it has in its constitution genres that form a sequence to fulfill a social purpose.

**Keywords:** Public Hearing; Genre; Systemic-Functional.

## Introdução

A preocupação com o meio ambiente não é recente. Desde as décadas de 60 e 70 já se pensava no que poderia vir a acontecer se o homem não mudasse sua forma de exploração dos recursos naturais, principalmente nas grandes indústrias que aumentavam cada vez mais sua produção. Várias eram as expressões usadas para manifestar uma inquietação que crescia a cada dia. Falava-se em desastres ecológicos, mudanças climáticas, biodiversidade, entre outras.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: amandacanterle@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Doutora em Letras (UFSM). Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: sara.scotta.cabal@gmail.com.

No Brasil, em 1989, foi criado o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente - IBAMA, com o intuito de unir a preservação ambiental ao uso conservacionista dos recursos naturais. Iniciava-se uma relação de necessidade do desenvolvimento de políticas públicas que dessem conta de reeducar a sociedade para a preservação e conservação do meio ambiente.

A partir da necessidade de políticas públicas sobre meio ambiente, em 2004, foi consagrada a criação da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CMDAS), com o objetivo na elaboração de Conferências, Assembleias e Audiências Públicas<sup>3</sup> para discussões e possíveis realizações no que concerne aos problemas ambientais e de desenvolvimento sustentável do país.

Como se sabe, cada sociedade elabora seu próprio modo de comunicação tendo em vista as diferenças existentes de uma cultura para a outra, e os enunciados são elaborados em função das necessidades humanas. Halliday e Hasan (1989) argumentam que cada ambiente e contexto específico de uso real da língua exige um tratamento adequado. No caso das APs, em análise, as trocas de significados ocorrem na forma de interação entre dois grupos sociais diferentes e importantes: políticos, que podem ser deputados, senadores, membros de ministérios ou secretarias, e especialistas convidados, geralmente técnicos, pesquisadores, militares, professores universitários ou participantes de órgãos de preservação. Os participantes apresentam estudos realizados, resultados de levantamentos e pesquisas, panoramas de situações de calamidade ambiental, expressos na forma de depoimentos, discussões, relatos, demonstrações em *slides*, dentre outros.

Tendo em vista o exposto, a escolha do tema desta pesquisa foi motivada por dois fatores: a) a relevância das discussões, no Brasil e no mundo, sobre a questão ambientalista; b) a presença de tipos de discursos proferidos nas APs, ao hipotetizar-se sua constituição em um gênero textual, passível de investigação, já que não foram encontrados na bibliografia, trabalhos sobre as APs com foco na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional. Com base nisso, ao expor como tema as APs, apresenta-se como pergunta de pesquisa: Como se constitui o gênero AP, mais específico a sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável?

---

<sup>3</sup> Doravante denominadas APs ou AP.

Devido ao exposto, o objetivo geral deste estudo é caracterizar, por meio da investigação e análise dos enunciados, o gênero socialmente conhecido como Audiência Pública que apresenta o tema Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Para tanto, o *corpus* selecionado para análise consiste em 06 APs sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, referentes aos anos de 2012 e 2013, dois anos de grandes discussões, como a conferência Rio+20, em nível mundial acerca do tema.

A justificativa desta pesquisa encontra-se no fato de que, nas trocas linguísticas, ocorrem ações e avaliações, o que possibilita ao falante/escritor que sua escolha seja feita de acordo com o objetivo que pretende atingir. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de caracterização do gênero utilizado quando se refere a meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

## **Estudos de Gênero**

De acordo com Bakhtin (2010), é por meio dos gêneros do discurso que se dá a realização da linguagem em sociedade. Os gêneros discursivos demonstram uma interação dialógica e nela representam a constituição de um papel social, pois possibilitam a estruturação de discursos nos mais variados contextos sociais.

Bakhtin argumenta que “cada enunciado é particular, mas cada campo de utilização da língua elabora seus “tipos relativamente estáveis de enunciados”, os quais denominamos gêneros do discurso” (2003, p. 262), ou seja, cada forma de manifestação da linguagem é única, e cada propósito de comunicação vai elaborar os enunciados/gêneros discursivos de acordo com a função que pretende exercer e o objetivo que pretende atingir. Nesse contexto, a abordagem de gênero que se pretende explorar é a da perspectiva sistêmico-funcional, visto que busca corroborar com os conceitos já expressos por Bakhtin e desenvolver os aspectos de interação em uma esfera particular de discurso como a Audiência Pública. Essa esfera determina os papéis sociais e seus contextos, da mesma forma considera os propósitos de comunicação em foco. Assim, a próxima seção destina-se a expor os conceitos dessa perspectiva de gênero sistêmica.

## Gênero na perspectiva Sistêmico-Funcional

Os estudos iniciais de Halliday e Hasan (1989) tiveram seu princípio na definição de linguagem como processo social, indicando a necessidade de análise e sinalizando-a como um sistema sociosemiótico<sup>4</sup>. As teorizações partem das escolhas feitas pelos usuários da língua e suas implicações nos diferentes processos de comunicação e interação, de acordo com seus propósitos.

Quando há processo de interação, o falante seleciona o texto de acordo com o meio em que se encontra e seu propósito comunicacional. Para Halliday (1989), o texto pode ser definido como a linguagem em funcionamento, auxiliando na realização de um determinado contexto, têm em sua composição os gêneros textuais, que circulam em sociedade para cumprir uma função ao serem mediadores nas relações e interações sociais.

Os estudos de gênero na perspectiva da linguística sistêmico-funcional iniciaram-se há três décadas na Austrália e só foram possíveis, segundo Rose e Martin (2012), a partir de uma abordagem funcional projetada por Halliday (1994) e reiterada por Halliday e Matthiessen (2004; 2014).

Inicialmente o objetivo dessas investigações primava por uma pedagogia que permitisse aos professores conduzir os alunos para o sucesso na escrita escolar, respondendo às exigências propostas pelo currículo australiano da época. O projeto começou com pesquisas sobre escrita na escola primária, colocando como foco a propagação do conceito de gênero, da perspectiva australiana, para fins sociais, como um processo orientado para metas específicas. A proposta de Martin e Rothery (1993) envolvia uma pedagogia de desenvolvimento para todos os alunos, de suas capacidades ao atender a demanda dos gêneros exigidos pelo currículo escolar e pela sociedade, independente do contexto social<sup>5</sup> do qual advinham.

Dessa forma, tem-se a organização da linguagem a partir de um sistema semiótico apresentando por base a gramática. Esta, por sua vez, tem como característica sua organização em estratos em relação a sua diversidade funcional.

---

<sup>4</sup> Sociosemiótico refere-se aos processos sociais dotados de sistemas de significados.

<sup>5</sup> Entende-se contexto social por aquele em que o indivíduo está inserido e a cultura a qual pertence.

Conforme Martin e Rose (2007, p.16), “gênero e registro podem variar de forma independente”<sup>6</sup>, pois a linguagem organiza-se de modo a produzir significados, como algo que varia de acordo com a cultura e a situação em dado momento de produção. Como o registro foi moldado a partir do contexto de situação, os autores modelaram o gênero a partir do contexto de cultura, o que, segundo Martin (1985), pode funcionar como uma ‘ferramenta’ cultural, quando se visa a objetivos específicos em um determinado contexto.

As diferentes culturas podem trazer uma infinidade de gêneros, ao se apresentarem com um determinado propósito. Dessa forma, torna-se necessário estudar as interações de modo a observar e compreender, segundo Eggins (1994, p. 25), como as pessoas “usam a língua para alcançar objetivos culturalmente motivados”<sup>7</sup>, as quais ocorrem nos diferentes gêneros que circulam em sociedade. Cada ação social dará origem a gêneros em particular, em função das variáveis do registro que o constituem.

A diversidade de gêneros é estabelecida na intervenção cultural que ocorre em relação ao plano textual, e isto acontece por meio da língua. A variação de textos concretiza a diversidade de objetivos culturais, e cada objetivo leva a diferentes etapas estruturais de organização dos gêneros (ROSE; MARTIN, 2012).

Segundo Martin (1992, p. 13), os gêneros estão orientados para um fim específico, pois são operacionalizados para um propósito na cultura; e sociais de forma que os falantes o instanciam (tornar um significado em texto) e por meio deles interagem. A busca pela definição do gênero, em relação a seu propósito, é funcional. Nessa perspectiva, expõe o seu caráter ideológico, ao ser considerado mutável, uma vez que é considerado em cada atividade humana como um sistema aberto de possibilidades e escolhas.

Como resultado da aplicação de seu projeto em escolas de alunos filhos de imigrantes ou de aborígenes na Austrália, os autores (ROSE; MARTIN, 2012) puderam reunir os gêneros em sete grupos: histórias, estruturações históricas, explicações, procedimentos, relatórios, argumentos e respostas a textos, cada um com propósitos sociais e estágios diferentes.

---

<sup>6</sup> “Clearly genre and register could vary independently”.

<sup>7</sup> “use language to achieve culturally motivated goals”

Estruturações históricas, segundo os pesquisadores, é um grupo de gêneros com base em eventos e acontecimentos da vida das pessoas. Apresenta-se na forma de alguns gêneros como a recontagem histórica, e casos/acontecimentos históricos que são relevantes a este trabalho pela possibilidade e finalidade de envolver acontecimentos e retomá-los quando necessário. São características das estruturações históricas, principalmente da recontagem histórica, de acordo com Martin e Rose (2007), as marcas de tempo (ano, século) e os participantes (agências públicas ou grupo de pessoas).

Os relatos autobiográficos fazem referência a fatos vividos e narrados em primeira pessoa, que expõem causas e efeitos de forma explícita. Já o relato biográfico, escrito em terceira pessoa, guarda praticamente as mesmas características do relato autobiográfico, embora apresente causas e efeitos de forma implícita. Os relatos históricos, por sua vez, caracterizam-se por apresentar causas e efeitos da mesma forma que realizações circunstanciais e verbais. A preocupação principal está em compreender como eventos acontecidos afetaram outros também realizados.

As explicações, por sua vez, têm o objetivo demonstrar e/ou explicitar como os processos<sup>8</sup> acontecem; seu foco é apresentar causas e efeitos em uma sequência de processo *versus* como ele ocorre, ou seja, demonstra-se o processo, em sequência dão-se os passos de como ele ocorreu até chegar sua composição final (MARTIN; ROSE, 2007). A explicação condicional implica naturalmente nas relações entre os eventos, sendo elas obrigatórias. Já a explicação factorial visa à explicação dos eventos com a contribuição de dois ou mais fatores. A explicação sequencial é construída em uma série de eventos e caracteriza-se por apresentar uma relação causal implícita nos eventos que vão sendo sinalizados.

A explicação consequente apresenta um evento, este pode ter duas ou mais consequências, cada consequência se apresenta como uma fase do gênero e pode ser encontrado também o uso da condicional “se”.

Os relatórios são tipos de texto com a subdivisão em classificatórios, descritivos e composicionais. Como classificatórios, os relatórios têm seu foco na subclassificação de membros de uma classe geral (MARTIN; ROSE, 2007). Podem começar afirmando os critérios de classificação e posteriormente apresentar suas classificações.

---

<sup>8</sup> Entende-se por processos as atividades que são realizadas em sociedade. Neste caso pode-se dar o exemplo de um experimento da ciência. Primeiro expõe-se suas causas e consequências, após como é executado o procedimento e quais as possibilidades de se chegar a tais resultados.

Já no que se refere aos relatórios descritivos, estes se propõem a classificar e descrever um fenômeno e centram-se na classificação>descrição (MARTIN; ROSE, 2007). Por último, o relatório de composição está preocupado com o todo, ou seja, compõe-se da classificação de uma entidade, as partes ao lado de suas atividades e as funções como um todo (MARTIN; ROSE, 2007).

Os gêneros argumentativos são relevantes nas APs, pois possibilitam uma maior interação, ao passo que são responsáveis pelas trocas de opinião, exposição de pontos de vista e conclusões nas decisões a serem tomadas. Nessa perspectiva, os gêneros da família do argumentar são a exposição e a discussão.

A exposição é construída a partir de um ponto de vista a ser apresentado. Seus estágios são o de **tese**, a qual afirma a posição tomada, os **argumentos**, sendo dois, três, ou mais, apoiando a tese exposta anteriormente tentando convencer; a **reiteração** – faz uma reafirmação da tese com base nos argumentos expostos. Destaca-se por apresentar como marcas linguísticas as conjunções, o metadiscorso (razões, problema) e as reiterações (MARTIN; ROSE, 2007; ROSE; MARTIN, 2012).

A discussão é uma forma de oferecer, segundo Martin e Rose (2007), uma visão mais equilibrada das questões e exposições realizadas, permite aos convidados tratarem de questões, e discutirem os pontos de vista, pois a intenção é de se considerarem diferentes posições e alternativas, na busca soluções vigentes para os problemas. Apresentam a estrutura de **questão** – expõe o conflito – os **lados**, mostram as diferentes visões sobre o tema oferecendo opções de argumentos e perspectivas, e a **resolução**, que influencia em uma tomada de decisão acerca de todos os argumentos e perspectivas apresentados. Suas maiores marcas linguísticas concentram-se na escolha de avaliações e nas antiexposições (metadiscorso, razão, negação, nominalização).

Algumas observações são importantes no que se refere ao conceito de gênero da perspectiva sistêmico-funcional, como a possibilidade de existência de um macrogênero. Derivado do conceito de gênero, o macrogênero envolve um tipo de organização na apresentação e coexistência de gêneros diversos, segundo a sua finalidade social. Essa organização permite uma elaboração por critérios de acordo com os objetivos presentes na sua realização, dependendo da área em que se encontra. A referência a macrogênero estabelece a relação de que cada gênero tenha uma posição preestabelecida para

cumprir sua função durante o evento comunicativo. Essa noção completa o objetivo final que o constitui.

Normalmente os macrogêneros são compostos por vários gêneros menores, mais curtos, que auxiliam no tipo de discurso escolhido. A definição de macrogênero apontada por Christie (1998, p. 227) esclarece que “cada um destes gêneros envolve uma série de fases e inclui elementos específicos, e tem um significado funcional na estrutura global e desdobramento do macrogênero”<sup>9</sup>, gêneros e estágios que podem ser vistos na perspectiva teórica já apresentada.

O reconhecimento e a compreensão das atividades sociais são de grande importância, ainda mais quando a atividade trata de um tema de interesse público como as Audiências Públicas, nesse caso as que tratam de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Em conjunto pode trazer resultados relevantes no que diz respeito à composição de gênero nas APs em foco, não desconsiderando também a possibilidade de constituição de um macrogênero.

### **Metodologia – a construção das análises**

A Audiência Pública em análise é um evento realizado pela CMADS e serve de instrumento de diálogo capaz de auxiliar na resolução ou alternativas para problemas em sociedade. As APs ocorrem mensalmente, e não é estipulada uma quantidade fixa de duas ou três para ocorrerem, depende do tema a ser debatido e de suas demandas. A sua organização é realizada pela CMADS, que se torna responsável pelos temas a serem tratados por depoentes e expositores especialistas ou da esfera política, convidados. Inicialmente é feita a apresentação dos participantes pelo Presidente da Comissão e após os convidados fazem suas exposições. Inicia-se então um debate sobre o exposto, com interferência e mediação do Presidente. Trata-se da exposição oral e posteriormente publicação no site da Câmara dos Deputados, espaço da CMADS de forma traduzida por taquigrafia. As APs, em sua maioria, ocorrem nos plenários das comissões, localizados junto ao Congresso Nacional. Tratam temas bastante relevantes

---

<sup>9</sup> Each of these genres involves a series of stages and includes specific elements, and has a functional significance in the overall structure and unfolding of the macrogenre.



sobre o meio ambiente e buscam alternativas para soluções dos problemas ambientais relatados.

Para a realização da análise pretendida, o *corpus* está composto por um conjunto de 06 APs, 03 realizadas em 2012 (ano da grande Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Economia Sustentável) e 03 em 2013, quando ainda se discutiam as conclusões da conferência. As Audiências selecionadas tiveram na média de 1h30min a 3h de duração, possuem em média de 22 a 59 páginas e estão disponibilizadas na íntegra para consulta online no endereço eletrônico <http://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/comissoes/comissoespermanentes>.

Para esta análise, as audiências foram numeradas pela ordem crescente da primeira de 2012 à última de 2013 e receberam o código composto pelas letras “AP” e o símbolo #, logo após o número de ordem. Por exemplo, a indicação **AP#01** deve ser entendida como Audiência Pública número 01. A análise compreende procedimentos de cunho quantitativo e qualitativo. Para a análise de gênero, foram realizados os seguintes passos: 1) exame e identificação de todos os gêneros/estágios que compõem as Audiências Públicas; 2) quantificação dos gêneros/estágios de cada AP, tabelando-os para verificação de maiores ocorrências; 3) Interpretação dos dados.

### **Análise das APs: uma questão de gênero na perspectiva sistêmica**

Nesta seção, apresentam-se os resultados referentes à análise das Audiências Públicas selecionadas, utilizando-se do aparato teórico fornecido pela abordagem sistêmico-funcional da linguagem (MARTIN; ROSE, 2007; ROSE; MARTIN, 2012).

#### **A caracterização do gênero**

A análise do *corpus* em busca dos estágios ou etapas que constituem as APs demonstrou a presença de vários gêneros durante o andamento de um evento comunicativo. De acordo com Motta-Roth e Heberle (2005, p. 17), “[...] cada gênero corresponde a padrões textuais recorrentes”. Dessa forma, foram encontrados 09 gêneros recorrentes em todas as APs e 04 estágios/ fases que também se apresentam recorrentes.

Os primeiros dados encontrados na realização da análise das APs referem-se aos gêneros e estágios que as compõem, quais são os mais utilizados, tanto por políticos quanto por especialistas. O Quadro (01) condensa os principais gêneros e estágios encontrados nas APs em análise.

**Quadro 01** - Constituição das Audiências Públicas em gêneros e estágios.

| GÊNERO                      | Audiências Públicas |       |       |       |       |       | TOTAL |
|-----------------------------|---------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
|                             | AP#01               | AP#02 | AP#03 | AP#04 | AP#05 | AP#06 |       |
| Recontagem Histórica        | 02                  | 01    | 01    | 03    |       | 02    | 09    |
| Relatos Históricos          |                     |       |       |       | 04    | 05    | 09    |
| Explicação Sequencial       | 02                  | 01    | 01    |       | 02    | 02    | 08    |
| Explicação Consequente      | 01                  |       | 02    |       | 04    |       | 07    |
| Relatórios descritivos      | 01                  |       |       | 06    |       | 01    | 08    |
| Relatórios Classificatórios | 01                  |       | 01    |       |       |       | 02    |
| Relatório de Composição     | 06                  | 03    | 04    | 03    | 04    | 03    | 23    |
| Exposição                   | 16                  | 02    | 14    | 14    | 17    | 19    | 82    |
| Discussão                   | 20                  | 27    | 07    | 19    | 26    | 10    | 109   |
| <b>ESTÁGIOS</b>             |                     |       |       |       |       |       |       |
| Apresentação                | 08                  | 02    | 06    | 04    | 07    | 09    | 36    |
| Mediação                    | 14                  | 02    | 11    | 05    | 14    | 13    | 59    |
| Agradecimento               | 12                  | 03    | 13    | 07    | 10    | 11    | 56    |
| Sinopse                     | 01                  | 01    | 01    | 01    | 01    | 01    | 06    |

Fonte: autoras

As maiores ocorrências concentram-se nos gêneros argumentativos de exposição (19,8%) e discussão (26,3%), seguidas do relatório de composição e dos demais. Desse modo, a AP com o tema Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável é formada a partir de gêneros simples como exposição, explicação, relatórios e discussão, incluindo apresentações, mediações, agradecimentos e sinopses que funcionam como estágios.

Os gêneros apresentados no Quadro (01) são os encontrados em todas as APs analisadas. Alguns gêneros apresentam maiores ocorrências em determinadas APs e não se apresentam em outras, como é o caso dos relatórios descritivos, os quais não são encontrados nas APs #02, #03 e #05. Da mesma forma, há gêneros – como a

discussão – que têm sua predominância de maior ocorrência em todas as APs analisadas.

As APs indicam a partir da leitura de um requerimento, assinado por um político/parlamentar, a apresentação de um tema importante a ser tratado, seguida da exposição de nomes de expositores/convidados, os quais são convidados, um a um, a falarem sobre o tema, este geralmente é feito com apresentação de slides. Logo após, são realizadas discussões, em que posicionamentos geralmente contrários são apresentados. De acordo com informações da CMDAS, “quando o tema exige defensores e opositores, durante a discussão e apreciação da matéria, geralmente os parlamentares complementam esses expositores de forma a haver o contraditório”. Cabe ao Presidente da Comissão garantir que haja o contraditório nas exposições, selecionando os convidados das APs. Assim, reforça-se a noção de maior ocorrência dos gêneros discussão e exposição no *corpus*.

A apresentação dos gêneros que compõem as APs em análise constitui-se pela exemplificação das menores ocorrências às maiores encontradas no *corpus*. Os primeiros gêneros em questão são os relatórios classificatórios (0,48%) e descritivos (1,93%) que apresentam como suas características critérios de classificação e/ou de descrição de um fenômeno. Em (01) pode ser observado como ocorre.

|           |  |              |
|-----------|--|--------------|
| <b>01</b> | Nesse estágio, vários estudos são realizados, sobre ecossistemas aquáticos, ecossistemas terrestres, modos de vida, organização territorial, base econômica da região, população tradicional, população indígena, custo unitário de referências e barramentos, questões energéticas, georreferenciamento, seleção de melhores opções. Faz-se ainda uma avaliação ambiental integrada da bacia que se está analisando. Esse é o primeiro estágio, o de inventário, que dura até 2 anos. O segundo passo: a fase de viabilidade... | <b>AP#03</b> |
|-----------|--|--------------|

Apresentam em sua constituição como relatório classificatório a subclassificação de membros, como pode ser observado no exemplo que classifica os estudos em “*ecossistemas aquáticos, ecossistemas terrestres, modos de vida, organização territorial, base econômica da região, população tradicional, população indígena...*”. Em sua segunda parte, caracteriza-se como relatório descritivo por apresentar uma classificação e posterior descrição de um processo, que no exemplo é demonstrado por meio de marcas como “... *Esse é o primeiro estágio...*” e “... *O segundo passo...*”.

O relatório de composição (5,55%) no exemplo 02, por sua vez, apresenta a característica de, a partir de um todo, classificar uma entidade, apontar suas partes e dar atenção às funções específicas de cada um dentre desse todo. No exemplo (02), a Marinha é apresentada como a entidade maior – o todo – encarregada da coordenação operacional de um plano, como se vê em “[...] a Marinha seria o coordenador operacional em situações de águas interiores que não aquelas a partir da linha da costa”. Já as partes do plano e respectivas atividades enquadram-se na percepção de atividades diferentes, as quais seriam atribuídas à Agência Nacional do Petróleo, em cuja sequência suas partes e funções, o todo seria apresentado.

|           |  |              |
|-----------|--|--------------|
| <b>02</b> | Operacionalização do Plano. A primeira coisa que precisamos fazer é definir o coordenador operacional. A ideia que tivemos foi que o coordenador operacional, de preferência, seja escolhido nos termos da legislação. É evidente que isso é uma sinalização, uma preferência.<br>O Grupo de Acompanhamento e avaliação vai ter autonomia para seguir um caminho um pouco distinto desse, até porque existem interseções dentro desses pré-requisitos aqui estabelecidos. Em princípio, a Marinha seria o coordenador operacional em situações de águas interiores que não aquelas a partir da linha da costa; a Agência Nacional do Petróleo seria o coordenador no caso... | <b>AP#01</b> |
|-----------|--|--------------|

As explicações sequencial (1,93%) e consequente (1,69%) também apresentam ocorrências. A explicação sequencial pode ser vista no exemplo (03) por se tratar de uma série de eventos, ou seja a sequência de como se dá a Audiência Pública e com uma causa que vai sendo sinalizada a partir dos eventos apresentados como em “... nós temos que interromper os trabalhos, porque não podemos dar continuidade a eles, vamos ser bem breves...”. Já o exemplo (04) representa a explicação consequente, ao apresentar duas ou mais consequências, no caso expressas na definição de usina e a consequência de uma metodologia, o que pode ser observado em “...conjunto de hidrelétricas situada em espaços territoriais legalmente protegidos ou aptos a receber proteção formal em áreas com baixa ou nenhuma ação antrópica, de modo que sua implementação se constitua num vetor de conservação ambiental permanente...”. Esta passagem inicia com o fenômeno e, após, é seguida pela explicação.

|  |  |  |
|--|--|--|
|  | O presidente Penna já fez a apresentação da mesa. Como cada um tem 15 minutos, e, se começa a Ordem do Dia, nós temos que interromper os trabalhos, porque não podemos dar continuidade a eles, vamos ser bem breves. Eu vou passar a palavra, |  |
|--|--|--|

|           |  |               |
|-----------|--|---------------|
| <b>03</b> | primeiramente, ao Dr. Stélio Pacca Loureiro Luna, Professor da UNESP, cientista que conhece a fundo essa questão que tem ajudado bastante a causa da proteção animal.<br>Como foi dito no início, nós vamos fazer duas Mesas. Esta é a primeira...   | <b>AP#06</b>  |
| <b>04</b> | Aqui, uma definição do que é usina-plataforma. Estamos trabalhando nesse sentido. Consiste em uma metodologia de planejar, projetar, construir e operar uma hidrelétrica ou um conjunto de hidrelétricas situada em espaços territoriais legalmente protegidos ou aptos a receber proteção formal em áreas com baixa ou nenhuma ação antrópica, de modo que sua implementação se constitua num vetor de conservação ambiental permanente. A ideia é inserir a hidroeletricidade lá e preservar a área, considerar toda a região como um grande parque... | <b>AP# 03</b> |

Outros gêneros recorrentes são os de estruturação histórica, mais especificadamente a recontagem histórica (2,17%) e o relato histórico (2,17%). No que se refere à recontagem histórica, tem-se como suas principais características as marcas de tempo e os participantes são agências, instituições públicas ou grupos de pessoas, o que pode ser observado no exemplo (05) em negrito.

|          |  |               |
|----------|--|---------------|
| <b>5</b> | Já <b>nos anos 80</b> , quando foi criado o <b>PROCONVE</b> , o nosso <b>Programa de Controle de Emissões Veiculares</b> - que, na minha opinião, é o maior programa ambiental deste país, com resultados absolutamente expressivos, nós divulgamos já o inventário de poluentes automotores no Brasil-, observamos com clareza os seus resultados e a melhoria das emissões no Brasil, fruto da melhoria dos combustíveis e da melhoria dos motores impostas pelo <b>CONAMA à indústria brasileira</b> , tanto automobilística como a de combustíveis. Então, <b>nos anos 80</b> já era grave a situação de qualidade do ar nas nossas grandes cidades e foi, então, criado <b>esse programa, O PROCONVE</b> . Em <b>1968</b> , veio a <b>resolução nº 18</b> , que foi a primeira... | <b>AP# 04</b> |
|----------|--|---------------|

As instituições destacadas são o PROCONVE<sup>10</sup> e o CONAMA<sup>11</sup>, mas também são feitas referências à indústria brasileira automobilística e de combustíveis. A recontagem histórica exposta em (06) trata da criação de programas de controle de emissão veicular, pelo CONAMA, participante público, e apresenta marcas de tempo como “anos 80” e “Em 1968”. O relato histórico se dá pelo uso de causa e efeito, baseia-se em realizações circunstanciais e verbais, preocupa-se em expor como um evento afeta outro, que no exemplo (06) pode ser visto em “... o Plano que hoje está em vigência nasce de uma demanda do Presidente da República ao Fórum...”, que apresenta em sequência “... No

<sup>10</sup> PROCONVE: Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores

<sup>11</sup> CONAMA: Conselho Nacional do Meio Ambiente

*ano seguinte, 2007, tivemos a primeira versão desse Plano...*”, demonstrando a relação de causa e efeitos. Observa-se o exemplo (6) como um excerto de relato histórico.

|           |  |               |
|-----------|--|---------------|
| <b>06</b> | <p>Só para recordarmos, o Plano que hoje está em vigência nasce de uma demanda do Presidente da República ao Fórum no seguinte questionamento: Prof. Pinguelli, o senhor deveria mobilizar o Fórum para apresentar algumas propostas. Na época, falava-se no enfrentamento à mudança global do clima. No Fórum, nós fizemos uma série de reuniões e, como resultado, apresentamos à Presidência da República uma proposta para a elaboração do Plano Nacional de Mudança do Clima, que foi encampada pela Presidência da República. No ano seguinte, 2007, tivemos a primeira versão desse Plano.</p> <p>Na construção da versão do Plano, o Fórum teve participação importante, porque, através de diálogos setoriais, nós conseguimos fazer essa conexão, esse diálogo, com vários setores da sociedade...</p> | <b>AP# 05</b> |
|-----------|--|---------------|

O segundo gênero de maior ocorrência nas APs é a exposição (19,8%), que apresenta seus estágios de tese, afirmando a posição a ser tomada, a argumentação, que apoia a tese exposta anteriormente e a reiteração, que faz uma reafirmação da tese com base nos argumentos expostos. Este gênero ocorre na fala da maioria dos convidados depoentes, e pode ser observado no exemplo (7), que se encontra na mesma AP e expõe o mesmo assunto (Inspeção veicular), porém por participantes diferentes.

|           |   |              |
|-----------|---|--------------|
| <b>07</b> | <p>A resolução nº 418 dizia o quê? Que os Estados deviam se planejar e enviar aos seus conselhos estaduais o PCPV<sup>12</sup>. <b>Não havia nenhum tipo de comando de que o Ministério do Meio Ambiente deveria ser consultado ou que deveríamos ou não aprovar algo. Então, não há um mecanismo automático de que nós tenhamos conhecimento do que está sendo feito no País.</b> Mas nós colocamos a equipe em campo para fazer um levantamento do que está acontecendo por aí...</p> | <b>AP#04</b> |
|-----------|---|--------------|

A tese apresentada é a de que “... *os Estados deviam se planejar e enviar aos seus conselhos estaduais o PCPV*”, na sequência temos os argumentos destacados em negrito no exemplo, e a reiteração “... *Mas nós colocamos...*”, que evidencia a marca linguística da conjunção característica do gênero.

Após a exposição, a maior probabilidade da ocorrência de um gênero aponta para a discussão. O gênero discussão foi o mais encontrado nas APs analisadas com 26,32%

<sup>12</sup> Plano de Controle de Poluição Veicular.

das ocorrências. É utilizado em sua potencialidade tanto pelos políticos quanto pelos especialistas ao cumprir um papel muito importante nas APs. É responsável por discutir alternativas e soluções que viabilizem as decisões tomadas em relação ao meio ambiente.

As discussões geralmente ocorrem da metade das APs para o final, apresentam a estrutura de **questão, lados e resolução**. Suas marcas linguísticas concentram-se na escolha de avaliações e nas antiexposições (metadiscorso, razão, negação, nominalização). Pode ser observado no exemplo (08), retirado da mesma AP.

|           |   |              |
|-----------|---|--------------|
| <b>08</b> | SR. PRESIDENTE (Deputado Irajá Abreu) - Então, Sr. Andrey, eu gostaria de aproveitar a sua presença para fazer duas ponderações: primeiro, eu gostaria de saber qual é a posição oficial do IPHAN. Considera adequado o projeto de lei do Deputado Angelo Vanhoni ou o substitutivo do atual Ministro Mendes Ribeiro? | <b>AP#02</b> |
|-----------|---|--------------|

A discussão demonstra como intenção os diferentes pontos de vista, o exemplo demonstra os dois lados de uma questão, estes são expressos em forma de pergunta, o qual influenciará sobre a resposta do interactante, que apontará uma solução. Nas Audiências Públicas analisadas, as partes constitutivas do gênero discussão normalmente não se apresentam em uma estrutura sequencial fechada, começam com a questão, às vezes fazem algum tipo de explicação e depois retornam com os lados e possível solução. Desta forma não pode ser contemplado no exemplo exposto todas as suas partes, da mesma forma que não seria em qualquer outro exemplo selecionado.

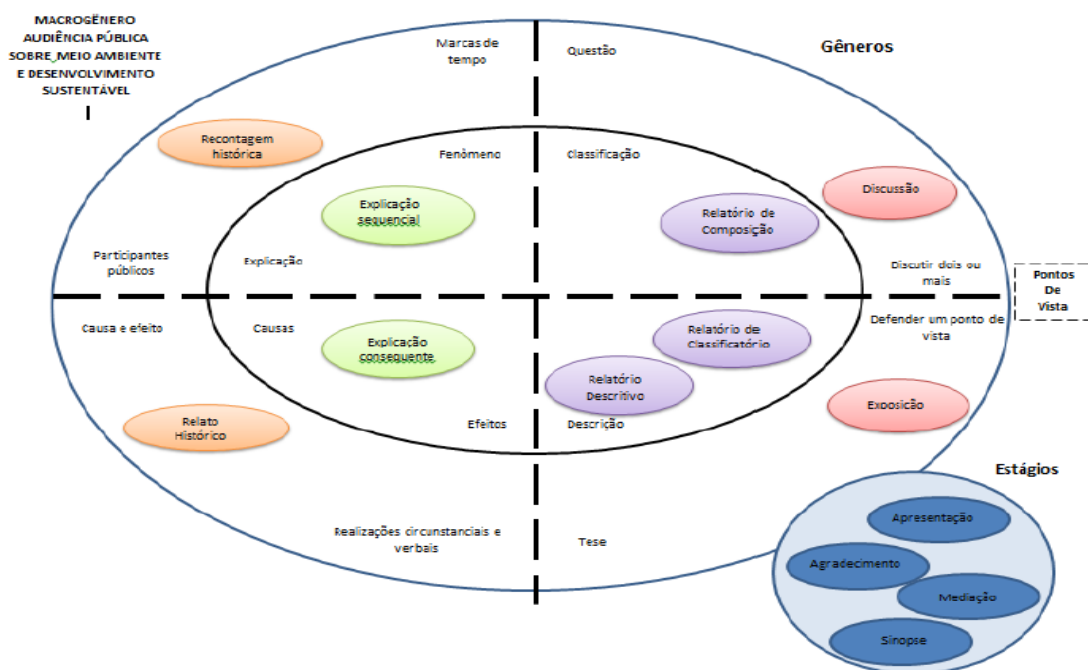
Nesta descrição de gênero torna-se relevante a demonstração de critérios que os fazem ser mais ou menos recorrentes nas APs. Os critérios e suas ocorrências podem ser verificados e localizados nas topologias representadas na figura (1). A topologia, de acordo com Rose e Martin (2007, p. 128), é o que “permite relacionar os gêneros mais ou menos um com o outro”<sup>13</sup>, é uma forma de compreensão visual útil para a análise dos gêneros de forma a modelar suas relações existentes.

Com a apresentação de todos os gêneros que compõem as APs, é possível afirmar que elas constituem um macrogênero, conceito cunhado por Rose e Martin (2007). De acordo com os autores, os gêneros podem se apresentar de formas individuais ou compostas de estruturas sequenciais. Dessa forma, definem suas

<sup>13</sup> which allows us to relate genres as more or less like one another.

características como macrogênero, termo usado para auxiliar na definição de gêneros mais complexos, estes apresentam em sua composição gêneros mais simples. É o caso da constituição das APs por vários gêneros e estágios.

Tais conclusões permitem que se recuperem os eixos cartesianos apresentados por Martin e Rose (2007) e se faça uma configuração do macrogênero Audiência Pública, a fim de que se observe a diversidade de gêneros que a compõem. A topologia, de acordo com Rose e Martin (2007, p. 128) possibilita relacionar os gêneros mais ou menos um com o outro; é uma forma de compreensão visual útil para a análise dos gêneros de forma a modelar suas relações existentes.



**Figura 01** – Topologia dos gêneros que compõem as APs.

As topologias indicam em sua composição aspectos característicos de cada gênero, situando-os nos eixos que mais predominam. Os critérios apresentados na Figura 01 expressam a localização dos gêneros de acordo com sua funcionalidade, as estruturações históricas, as explicações, os relatórios e as argumentações, apresentam critérios diferentes, por isso, não podem ser expressos na mesma topologia. A posição que cada gênero ocupa em relação a sua topologia é o que o caracteriza sua composição. Por exemplo, as recontagens históricas situam-se entre as marcas de



tempo e os participantes públicos, já os relatos históricos estão entre as causas e efeitos e as realizações circunstanciais e verbais.

Na topologia apresentada podem ser observados dois polígonos curvos com a intenção de expor os gêneros de acordo com suas ocorrências e critérios. O polígono curvo interno representa os gêneros de menor ocorrência nas APs, exceto o relatório de composição, que se localiza juntamente com os outros tipos de relatório; observa-se que está localizado à direita, próximo aos gêneros expositivos e argumentativos que representam as maiores ocorrências no *corpus*. Os quadrantes e as mediatrizes auxiliam na separação de critérios correspondentes a cada grupo de gêneros, ao mesmo tempo em que separam, exibem, juntamente com os polígonos curvos, um ciclo que se apresenta como uma totalidade na constituição de um macrogênero, ou seja, todos os gêneros apresentados, por mais que estejam em eixos cartesianos separados, representam um todo, o macrogênero. Os estágios se localizam em um círculo menor, correspondente a uma etapa de realização, não dispõem de critérios, por isso estão localizados no mesmo plano. Acrescenta-se a noção de macrogênero como um componente necessário para a realização das APs.

### **Considerações Finais**

Este estudo apresenta uma análise de gêneros segundo a Escola de Sidney (ROSE; MARTIN, 2012) em textos de Audiências Públicas, estas tratam sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável e foram realizadas nos anos de 2012 e 2013. O problema de pesquisa teve seu fundamento na caracterização de como se constituem as APs.

A análise envolveu inicialmente a constituição dos gêneros nas APs. Verificou-se que os nove gêneros mais recorrentes foram: discussão (109 ocorrências - 26,32%), exposição (82 ocorrências - 19,8%), relatório de composição (23 ocorrências - 5,55%), recontagem histórica (09), relato histórico (09), relatório descritivo (08); relatório classificatório (02 ocorrências - 0,48%); explicação sequencial (08 ocorrências - 1,93%) e explicação consequente (07 ocorrências - 1,69%). Da mesma forma, foram identificados quatro estágios principais recorrentes em todas as APs, sendo eles: apresentação (36 ocorrências - 8,69%), agradecimento (56 ocorrências - 13,52%),

mediação (59 ocorrências - 14,25%) e sinopse (06 ocorrências - 1,44%), caracterizados como fundamentais para o funcionamento e propósito das APs.

A concentração das ocorrências de gêneros na família dos argumentativos justifica-se pela principal função das APs como ferramenta de diálogo e busca de alternativas e soluções. Com isso também foram identificados os usos dos gêneros pelos participantes, político e especialista, expondo que tanto um quanto o outro faz mais uso dos gêneros argumentativos de exposição e discussão (políticos – exposição 23, discussão 51; especialistas – exposição 59, discussão 58) apontando, assim, para a verificação de que os especialistas fazem mais o uso da palavra e preocupam-se com expor conhecimentos, enquanto que o político está preocupado em discutir e fazer o uso da mediação (estágio com maior ocorrência 59) entre os participantes.

Ao considerar a constituição das APs por nove gêneros da perspectiva sistemista, foi acrescentada a noção de macrogênero (MARTIN, 2005), que situa a composição de gêneros simples que se organizam em uma sequência para cumprir determinado propósito comunicativo. Com a noção de gênero apontar para a constituição das APs como um macrogênero.

A classificação dos elementos obrigatórios, definidores do macrogênero em questão, deu-se pelo maior número de ocorrências dos gêneros de discussão, exposição e relatório de composição. Os gêneros opcionais encontrados evidenciam-se por recontagens e relatos históricos, relatórios descritivos e classificatórios e, por último, as explicações sequenciais e consequentes.

Em relação aos iterativos foram identificados estágios e não gêneros, são quatro e correspondem a apresentação, agradecimento, mediação e sinopse, por colaborarem com o andamento das APs e auxiliarem em seu maior propósito comunicativo. Tendo em vista a caracterização das APs como um macrogênero na perspectiva sistemista, tornou-se possível delinear ciclos de forma a ilustrá-las como um evento comunicativo permeado de gêneros híbridos que ocorrem sem uma sequência fixa e apresentam estágios que colaboram com sua realização.

Acredita-se que esses resultados possam contribuir com os estudos de gênero na perspectiva da Escola de Sidney (ROSE; MARTIN, 2012) e no que diz respeito ao macrogênero.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- CHRISTIE, F. Faltou aqui o nome do capítulo da Christie. In: MARTIN, J. R.; VELL, R. *Reading Science: Critical and Functional Perspectives on Discourses of Science*, 1998.
- EGGINS, S. *An introduction fo systemic functional grammar*. London: Printer, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. Part I. In: HALLIDAY; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K. . *An Introduction to Functional Grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. 3 ed. London: Hodder Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. 4th. Routledge, London, 2014.
- HASAN, R. *Language Development: learning language, learning culture*. Norwood, N.J.: Ablex, 1989.
- MARTIN, J. R. *Factual writing: Exploring and challenging social reality*. Geelong: Deakin University, 1985.
- \_\_\_\_\_. *English text: System and structure*. Amsterdam: John Benjamins, 1992.
- \_\_\_\_\_. ; ROSE, D. *Genre Relations: mapping culture*. London: Equinox, 2007.
- MARTIN, J. R.; ROTHERY, J. *Grammar: making meaning in writing*. In: COPE, X; KALANTZIS, 1993.
- MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V.M. O conceito de estrutura potencial do gênero de Ruqayia Hasan. In: *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 12-28.
- ROSE, D. ;MARTIN, J, R. *Learning to Write, Reading to Learn: Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School*. Sheffield (UK) and Bristol (USA): Equinox Publishing Ltd, 2012.

Recebido em: 14/06/2017

Aceito em: 06/10/2017